



Anísio Teixeira: o percurso de um educador destemido contra a oligarquia

Guilherme Gravina Pereira¹

Resumo

O artigo almeja traçar um paralelo entre o pensamento de Anísio Teixeira e o processo histórico com o qual ele contribuiu diretamente em muitas ocasiões, e em outras foi excluído. Pretendemos mostrar que a atmosfera presente no Brasil dos anos de 1920 - o movimento antioligárquico na política - foi também a palavra de ordem para o filósofo da educação de Caetité. Este período ficou também conhecido como um movimento de entusiasmo pela educação e um otimismo pedagógico, liderado pelos intelectuais que defendiam a expansão da escola pública, gratuita e leiga. No tocante à questão educacional que permeou o binômio educação/políticas públicas, buscaremos retomar o fio da história (anos 20) para compreender as transfigurações educacionais ocorridas no país.

Palavras-chave: Educação, Anísio Teixeira, História

Anísio Teixeira: o percurso de um educador destemido contra a oligarquia

Resumo

El artículo busca hacer un paralelo entre el pensamiento de Anísio Teixeira y el proceso histórico con el cual él ha contribuido directamente en muchas ocasiones y en otras siendo excluido. es nuestra intención mostrar que la atmosfera presente en Brasil en los años de 1920 - el movimiento anti-oligárquico en la política - también ha sido la palabra de orden para el filósofo de la educación del Caetité. Ese período fue conocido como el de un movimiento de entusiasmo por la educación y un optimismo pedagógico, liderado por los intelectuales que defendían la expansión de la escuela pública, gratuita y secular. En lo que cabe a la cuestión educacional que ha permeado el binomio educación/políticas públicas, intentaremos retomar el hilo de la historia (años 20) para comprender las transfiguraciones educacionales por las cuales pasó el país.

Palabras clave: Educación. Anísio Teixeira, Historia

Anísio Teixeira: o percurso de um educador destemido contra a oligarquia

Resumo

The article aims to draw a parallel between the thought of Anísio Teixeira and the historical process with which he directly contributed on many occasions, and other deleted. We intend to show that the presence in Brazil of years de1920 atmosphere - anti-oligarchic movement in politics - was also the watchword for the philosopher of education from Caetité.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação e Políticas Públicas da Universidade Federal de Juiz de Fora.

This period was also known as a movement of enthusiasm for education and pedagogical optimism, led by intellectuals who advocated the expansion of public, free and secular school. Regarding educational issue that permeated the binomial education / public policy, seek to resume the thread of history (20 years) to understand the educational transfiguration occurred in the country.

Keywords: Education, Anísio Teixeira, History

Anísio Teixeira foi homem de muitos fazimentos, contudo, entender a sua singularidade sem que a coloquemos dentro do contexto histórico é negar as gerações (anterior e sucedânea), assim como escreveu Clarice Nunes em *Anísio Teixeira: a poesia da ação* (NUNES, 2001). Deixemos claro que Anísio Teixeira lidou mais com a ideia de valor do indivíduo, a liberdade individual, provinda do pragmatismo de John Dewey, do que com a visão dialética marxista de interpretação da realidade econômica e objetiva.

Conquanto isso não significou que o educador defendesse sua posição em favor “do homem egoísta do liberalismo burguês” (ROCHA, 2000, p.45), mas sim a ideia de indivíduos que fossem capazes de exercer as funções sociais conscientemente e livres dos paradigmas daquela sociedade em plena fase de industrialização. Acreditava também na transformação do homem pela educação escolar, porém havia nessa concepção um detalhe muito importante: a de que o papel do educador no processo de aprendizagem era fundamental, pois neste modelo de escolarização ensina-se pouco e educa-se bem. Ele detalhou em *A educação e crise brasileira* que a característica principal do homem, o seu diferencial, é ser autodidata

O sistema público: rompendo com a formação jesuíta

Anísio Spínola Teixeira foi um homem de seu tempo sem restringir-se, no entanto, às limitações do meio, da época ou do momento histórico (ROCHA, 2002). Em 1924 começou sua alçada educacional, quando foi nomeado para a Diretoria de Instrução Pública na Bahia. Não obstante, neste início dos anos 20 esteve mais ligado aos ideais da Igreja (da oligarquia), tentando ampliar “a área de influencia da Igreja dentro do Estado” (NUNES, 2001, p. 6). Isto pode ser explicado pelo fato de ter o educador recebido toda sua formação intelectual dos padres jesuítas. Estava preparando para ingressar na Companhia de Jesus quando um incidente frustrou a sua entrada: Góis Calmon foi eleito Governador e o convidou para a sua primeira “missão política” no comando da instrução pública da Bahia, aos 23 anos. (ROCHA, 2002, p. 199). Somente quando fez suas viagens à Europa em 1925 e aos Estados Unidos em 1927 (por funções do cargo) que o jovem preceptor entra em contato com o sistema público de educação, até então desconhecido da sua experiência enquanto estudante.

Logo após o seu primeiro regresso desperta para os problemas típicos da educação no Brasil como a corrupção, a ausência do poder público, o despreparo do professorado, começando assim uma hercúlea batalha em busca de uma educação sem privilégios. Mostrou que todo o sistema educacional público até então estava corrompido, em mãos sem competência e com “verbalismo oco e inútil”, e tudo o que se fazia era apenas para reforçar tal sistema na “perpetuação da divisão de classes no Brasil” (TEIXEIRA, 2005, p. 95). Clarice Nunes (2001) irá nos dizer que foi o seu contato com a civilização moderna que gerou um choque para sua sensibilidade, abalando sua confiança na Igreja (apoiada pelo latifúndio) que comandava a educação brasileira.

Saindo do congregado mariano² dos jesuítas, que havia lhe dado formação intelectual e religiosa, faz-se educador. Trouxe, dos cursos feitos na Columbia University os óculos da ciência, iniciando assim uma luta pela educação pública no país, sendo que, em 1925, no comando de reforma da instrução pública da Bahia, materializa a “Lei nº 1.846, de 14-8-1925, concebida como a mais ampla e minuciosa estrutura jurídica já montada para servir à escolarização” (BOMENY, 2001, p. 109). Desta forma, Anísio Teixeira faz “a travessia do seu primeiro deserto: o deserto da fé, quando abdicou de uma religião que lhe dava segurança, mas que também não dava resposta às suas mais vivas inquietações” (NUNES, 2001, p. 6-7).

Quadro Histórico

Em paralelo a esta ruptura corajosa de Anísio Teixeira vai se configurando o momento histórico brasileiro. Surgem os movimentos de matriz nacionalista que, em contraposição ao regime político da oligarquia latifundiária e da Igreja conservadora, lutavam por um novo sistema jurídico e político. A década de 20 foi caracterizada, após a primeira guerra imperialista, pelo forte impulso para que os países subdesenvolvidos se industrializassem. Sendo que o atraso brasileiro era tido como um empecilho que impedia sua entrada entre “os chamados países civilizados” (TEIXEIRA, 2005, p. 203).

Nesta fase de transformação, o principal item de exportação a quatro décadas do Brasil, o café sofre uma queda vertiginosa nas exportações, promovendo um descontentamento no Exército. A crise do café, produto mais importante para a perpetuação do poder no país, levou até a nova classe dos industriais e ao Exército uma suposição: a revolução no Brasil. Estava nascendo, neste novo contexto social e político, uma disputa acirrada entre fazendeiros e industriais, e a margem deste conflito insurgia “um núcleo dos jovens oficiais, sob a inspiração

² Em entrevista a Odorico Tavares em 1952, Anísio Teixeira nos agracia com uma valiosa confissão: “Rendi-me ao catolicismo e fiz mesmo projeto de entrar para a Companhia de Jesus. Cristão novo, vivi ardentemente meu sonho loioliano, durante todo o curso acadêmico, em que fui destacado congregado mariano na Bahia e depois no Rio de Janeiro.” (ROCHA, 2002, p.199).

do marechal Hermes da Fonseca, que se subleva na revolta de 05 de julho de 1922”. (RAMOS, 2013, p. 417). Esta fica conhecida como a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana no Rio de Janeiro e, estes “jovens sonhadores” (RAMOS, 2013, p. 417) nas palavras de Leôncio Basbaum, expressam todo o descontentamento das classes desprivilegiadas do país. Mas, apesar desta insatisfação dentro do exército e da nova classe social que estava a se formar (os industriais), as tropas fiéis ao presidente Epitácio Pessoa levantaram-se em confronto contra os jovens sonhadores, travando batalha e os derrotando.

Em 1924 (ano em que Anísio entrou na Instrução Pública da Bahia) explode outro movimento militar revolucionário que agora havia escolhido como representante o “general reformado Isidoro Dias Lopes” (RAMOS, 2013, p. 417). Ali, já se fazia à vista entre os oficiais, a figura do comandante Luís Carlos Prestes. Apesar dos homens do general Isidoro Dias terem conseguido ocupar a cidade de São Paulo, eles foram rapidamente trucidados pelos soldados das tropas legalistas. Com a dispersão dos homens do general Isidoro Dias muitos “se uniram à coluna comandada pelo capitão Prestes em Foz do Iguaçu (...) Promovido ao grau de general (...). Prestes iniciou uma longa marcha de 36 mil quilômetros por todo o Brasil, que se prolongou durante dois anos”. (RAMOS, 2013, p. 417). A coluna refletia toda a contradição e ambiguidade das classes sociais no Brasil, conforme nos mostrou Basbaum:

“O Brasil está quase em quebra e não consegue pagar as obrigações da sua dívida fabulosa (...) as classes pobres estão assediadas pela miséria e pela fome (...) os deputados, senadores, presidentes dos estados e presidente da república são designados ou nomeados (...) por verdadeiros trustes da lucrativa indústria política”. (RAMOS, 2013, p. 417).

É importante lembrar que no mesmo ano de 1924, no Rio de Janeiro, um grupo de intelectuais da elite brasileira reúne-se para fundar a Associação Brasileira de Educação (ABE). A ABE nasce com um claro objetivo: tirar das mãos do congresso a discussão educacional e criar um programa de ação nacional para a educação. Ademais, três anos após a sua criação em 1927, a ABE inaugura na capital do Paraná os debates em defesa da escola pública, com a I Conferência Nacional de Educação. Anísio Teixeira não estava presente, pois estava “a bordo de um navio americano, comissionado para estudos de organização escolar nos Estados Unidos” (OLIVEIRA E SILVA, 2000, p. 12). Ele também não participou da II Conferência, realizada em Belo Horizonte no ano de 1928, sendo que o seu primeiro aparecimento na Associação se dará “na III Conferência Nacional de Educação (...) sob o patrocínio do Governo do Estado de São Paulo, realizada em 1929, com ele integrando a delegação da Bahia” (OLIVEIRA E SILVA, 200, p. 13). A associação, além de promover os debates educacionais pelo país, foi crucial na elaboração (1931, IV Conferência), na

cristalização do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) e nas políticas públicas do governo de Getúlio Vargas.

A esta altura (1925/27-coluna Prestes) Anísio Teixeira, sob o comando da Diretoria de Instrução Pública na Bahia, faz viagens à Europa e aos Estados Unidos e, conhecendo os novos sistemas de ensino públicos (europeu e norte-americano) aperfeiçoa-os, adequando-os à realidade baiana carente de pessoas probas e com virtuosismo para o manejo do sistema público. Mas é em 1928, quando vai para o *Teachers College* em Nova York, tornando-se discípulo do filósofo John Dewey³, que é lapidado pelos ideais da democracia como conquista da igualdade de oportunidades. E somente na democracia, dizia Anísio, é que se farão livres os homens de suas dilacerantes desigualdades. O educador percebeu que a função do Estado na democracia é a educação como supremo dever.

Fato é que o Brasil (ao lado de Cuba) foi um dos últimos países do mundo a acabar com a escravidão. Isso significa que a característica fundamental de sua classe dominante está no alicerce psíquico que forma a sua consciência. Segundo Darcy Ribeiro, seria formado por um “tipo de senhoria que se autodignifica, que se acha branca, bonita, civilizada, come bem, é requintada, mas que tem ódio do povo, trata o povo como carvão para queimar”. (ROCHA, 2002, p. 66). Era contra isso que Anísio estava lutando. Contra a oligarquia latifundiária na política, contra o patrimonialismo, contra o mandonismo, contra o clientelismo, apanágio do antigo sistema colonial que é o atravancamento da renovação pedagógica da época e na atualidade.

Teve como amigo Nestor Duarte, o professor que o ajudou em suas reflexões acerca da história do Brasil, pois sem história, dizia Anísio, é impossível que se faça um trabalho honroso e digno em termos de educação para uma nação. Um povo sem história é um povo sem passado, presente e futuro. Isso não era demagogia para as classes dominadas, ao contrário, era um movimento que se transformava em feitiço, obras e leis, andaimes que nos sustentam hodiernamente na luta libertaria da educação pública no país.

Por aí podemos completar outro aspecto importante da personalidade anisiana, no que diz respeito ao privilégio que as famílias endinheiradas obtinham no Brasil, é a questão do monopólio da Igreja na educação. Foi uma luta incessante que o consumiu por toda vida, pois a ideia que os bispos tinham no país era a de que: a família tinha que optar por qual escola o seu filho seria educado, e não uma obrigação do Estado em sua função democrática e emancipadora, conforme proposto por Anísio. Além de cuidar da educação dos filhos da

³ John Dewey, filósofo norte-americano, ficou muito conhecido no campo educacional, mas, permitam-me lembrar de sua atuação progressista em defesa de Leon Trotsky na comissão de julgamento dos processos de Moscou em 1937.

oligarquia latifundiária, a Igreja rezava missa para eles e reforçava sua posição em defesa dos interesses particulares, agravando o abismo de classe existente entre o povo ágrafo, miscigenado e escravizado, e a elite dirigente do país.

Compete-me ressaltar que quando Anísio Teixeira fala que a educação na República continua sendo oligárquica, como se estivéssemos na “Monarquia ou na Colônia”, é porque ela é ainda feita sob a tessitura social de pensamento oligárquico. Somos indivíduos formados pela coesão social do grupo oligárquico ou da família, em parte conformada com a ideologia dominante, e “estes gânglios de coesão formam nosso arquipélago nacional” (ROCHA, 2002, p. 39). Podemos auferir que hoje os meios de comunicação de massa no Brasil são representantes diretos das oligarquias latifundiárias “for export”, impedindo o desenvolvimento autônomo do país para inculcar a ideologia dominante da multinacional na manutenção da ordem social. Pois como na oligarquia, o *mass media* é composto de negociastas e estes estão fadados aos negócios, ou seja, ao interesse privado.

Revolução de 30, Estado Novo e o exílio

Recém chegado dos Estados Unidos em 1929 e trazendo “um programa de luta pela educação no Brasil” (ROCHA, 2002, p. 200), Anísio Teixeira depara-se com a revolução de 30, período que produzira o necessário clima de transformação político-social e econômico na sociedade brasileira. O momento era de credulidade nos novos rumos que norteavam o Brasil e o que se buscava era romper com o “passado agrário-exportador e promover a industrialização do país através da forte intervenção do Estado, planejando e executando políticas industrializantes” (GARCIA, p. 4). A década de 30 teve como o núcleo dos acontecimentos um conjunto de intelectuais de diferentes áreas de atuação e das mais variadas camadas sociais (BOMENY, 2001), podendo destacar o papel do preceptor nas reformas e criações do Distrito Federal, antiga Capital da República (31-35), e no manifesto (1932) em prol de uma educação sem privilégios.

Em 1931 Francisco Campos o convoca para assumir a diretoria do Departamento de Educação da Capital da República e o setor do ensino secundário, e junto ao prefeito Pedro Ernesto edificam as reformas educacionais do distrito federal. O que prevaleceu depois da Revolução de 30 continua sendo o mesmo entusiasmo que havia começado nos anos 20, ou seja, o movimento anti-oligárquico na política e na educação. Podemos perceber no pronunciamento da IV Conferência de Educação da ABE (1931) toda preocupação de Getúlio Vargas (chefe do Governo Provisório) com o problema da educação nacional. Naquela época Anísio também assumirá o comando da Associação Brasileira de Educação e, após os veementes debates com Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Afrânio Peixoto, Roquette

Pinto, Paschoal Leme, Cecília Meireles, Monteiro Lobato entre outros intelectuais, promulgam o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932.

No manifesto é notória a luta contra a Igreja privatizante que assegurava somente aos filhos das classes privilegiadas uma formação de qualidade. Os signatários exigiam do governo a garantia, pautada nos direitos dos desfavorecidos, a uma educação pública, leiga e gratuita que vá da pré-escola à universidade, comum a todos os brasileiros. É verificável a influência do manifesto na Constituição de 34, a qual passaria a garantir a obrigatoriedade e gratuidade do ensino primário. Embalado por esses acontecimentos Anísio Teixeira cria a Universidade do Distrito Federal tendo como propósito “encorajar a pesquisa científica, literária e artística e propagar as aquisições da ciência e das artes, pelo ensino regular de suas escolas e pelos cursos de extensão popular” (CPDOC – FGV). Neste primeiro momento (governo provisório) Getúlio Vargas esteve ligado aos programas de reformas de Anísio Teixeira e Pedro Ernesto, sendo que em 1936 exonera-os, desmontando o projeto da recém-criada Universidade do Distrito Federal (UDF - 1935).

A partir de 1936 fica no ostracismo, pois “toda a sua vida foi dedicada ao bom combate pela educação, num plano de pensamento inteiramente original, que supera, mesmo, o plano nacional”. (ROCHA, 2002, p.17). Foi acusado de participar do levante armado da Aliança Nacional Libertadora, sendo exonerado do cargo. Ele e Pedro Ernesto eram simpatizantes da ANL embora não tenham participado da organização política. Apenas o educador escrevia, com frequência, artigos para o jornal *A manhã*, veículo oficial da ANL. Apesar disso, não podemos condenar a política do governo de Getúlio Vargas, que representou e representa um ícone para as gerações na luta pelas instituições verdadeiramente públicas, leigas, gratuitas e de qualidade no Brasil.

Não podemos compreender, entretanto, as revoluções nacionalistas burguesas dos anos 20 e 30 sem o prisma da teoria marxista, capaz de partir do particular para o todo. Nesta perspectiva podemos nos valer da análise feita pelo peruano José Carlos Mariátegui acerca dos movimentos nacionalistas autônomos dos países subdesenvolvidos. Segundo o teórico é impossível que o desenvolvimento seja autônomo nos países coloniais e semicoloniais, pois estes são dominados pelo capital imperialista e pela grande propriedade fundiária. Ele nos diz que a persistência do latifúndio não é indício da necessidade de uma revolução burguesa, mas

sim um elemento que mostra a impossibilidade da burguesia nacional levar adiante suas tarefas históricas⁴.

Mídia = Sedução e Educação = Instrução

No final dos anos de 1940, Anísio Teixeira foi convidado a falar no XII Congresso de Estudantes na cidade de Salvador, Bahia; um congresso em que havia 12 anos agitava o país acerca das grandes mudanças daquela época. No discurso proferido pelo educador surgia um dos grandes problemas de seu tempo: a questão das democracias no pós Segunda Guerra Mundial, que foi o desfecho das experiências fascistas e totalitárias que tomaram conta da Europa. Citemos um trecho do seu discurso:

“A forma totalitária foi esmagada no último grande embate violento da guerra e todos esperamos que jamais ressurja, e a forma democrática se dividiu em duas modalidades: a das democracias populares do Oriente e a das democracias socialistas ou pré-socialistas do Ocidente (..) O conflito entre os dois tipos de democracia, em que hoje se divide o mundo, pode e deve ser superado pacificamente”(ROCHA, 2002, p. 209-210).

Esta apresentação provocou críticas no jornal baiano *A Tarde*, que o desqualificou colocando seu papel de educador em dúvida, associando-o ao comunismo da União Soviética. Era implacável o noticiário quando fazia suas considerações sobre o discurso do catitense, dizendo que eram sem consistência e partidária suas afirmações e que não “havia uma suposta democracia atrás da cortina de ferro”. (ROCHA, 2002, p. 219). Isso nos revela uma legítima representação da classe dominante, que através do seu “coleccionamento de clichês” (ROCHA, 2002, p. 225) na imprensa, defendeu o privatismo contra o militante da educação pública e leiga.

Mostrando sua parcialidade e sua incapacidade em conhecer e transmitir questões referentes ao plano econômico-social dos regimes conflitantes, o jornal sequer levou em conta os processos de transformação-sociais e econômicos- que ambos os lados estavam sofrendo no pós-guerra; e, naquele momento, Anísio Teixeira estava cada vez mais convencido de que eram “as mesmas forças democráticas de reforma e revisão social” que atuavam de um lado e de outro da “chamada *cortina de ferro*”.(ROCHA, 2002, p. 224). Para ele, as mudanças em que estavam submetidas ambas as direções divergentes não eram estáticas “nas posições das ideologias contendoras, mas dinâmicas e fluidas”. (ROCHA, 2002, p. 224).

Não obstante este fato ocorrido no final dos anos 40, Anísio Teixeira foi perseguido uma segunda vez, agora pelos bispos gaúchos (com o auxílio do *Tribuna da Imprensa* de

⁴ Detalhadamente em *Seis Tesis sobre José Carlos Mariátegui y León Trotsky* escrito por Gabriel Lanese Coordenador de La Cátedra Libre Kar Marx de La Facultad de Humanidades de Jujuy – Argentina- Disponível em: www.ips.org.ar.

Carlos Lacerda) tendo como porta-voz Dom Hélder Câmara. Nesse episódio os bispos aclamavam a saída do educador que se encontrava na direção do Ministério da Educação. Darcy Ribeiro escreveu um artigo intitulado *Dr. Anísio* alertando o quanto é poderoso o arsenal privatista da comunicação de massa na sociedade brasileira: “Os bispos exigiram do Presidente da República, pela voz de Dom Hélder Câmara, o afastamento do Ministério da Educação de Anísio, porque achavam insuportável seu pendor democrático e esquerdista”. (RIBEIRO, 1995a, p. 33-36). Não nos esqueçamos de que em 1958 os bispos também investiram contra Anísio, à época como diretor do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), e através da imprensa, divulgaram a questão do financiamento da educação, a qual teria o suporte do Estado Nacional. No manifesto escrito pelos jesuítas gaúchos verificamos também o repúdio ao educador segundo as palavras dos bispos (SCHERER, 1958):

O povo brasileiro, na verdade, não quer que se transforme, por uma revolução social, a começar da escola, a República brasileira em uma República socialista. Que o queiram, e proclamem êsse desejo, servidores elevadamente situados do Ministério da Educação e Cultura, é fato, por isso mesmo, que deverá merecer especial atenção dos Altos Poderes da República.

Essa ofensiva dos bispos, publicada pela imprensa nacional, tinha por objetivo alertar o alto escalão da República e a opinião pública acerca do “absurdo” da educação pública, laica e gratuita, defendida pelo “socialista” (SCHERER, 1958) Anísio Teixeira. Esse pleito do episcopado que detinha o monopólio da educação privada fez-se reproduzir pela via da comunicação de massa como se fosse um pensamento democrático e inflado de senso de justiça para a defesa dos interesses da educação privada. O educador chegou a ser exonerado do cargo. O interessante é que essas ideias atribuídas a Anísio Teixeira nunca foram por ele defendidas, pelo contrário, como podemos observar (TEIXEIRA, 1977, p.80):

Obrigatória, gratuita e universal, a educação só poderia ser ministrada pelo Estado. Impossível deixá-la confiada a particulares, pois êstes somente poderiam oferecê-la aos que tivessem posse (ou a protegidos) e daí operar antes para perpetuar as desigualdades sociais do que para removê-las.

É preciso salientar que Anísio Teixeira não tinha por meta o repúdio à educação privada, mas sim que ela pudesse interagir com a educação pública, esta sim essencial para o bem comum. Foi nesse cenário que Darcy Ribeiro publicou um artigo no *Correio da Manhã* *Sou a favor x Sou contra* em defesa de Anísio Teixeira. Esse artigo teve enorme repercussão na imprensa, tanto que o “Ministro voltou atrás, porque o Presidente da República era Juscelino Kubitschek” (RIBEIRO, 1995a, p.33-36) e Anísio Teixeira voltou para a direção do Inep.

A propósito, seria pertinente nos reportarmos aos anos de discussão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 1961. Por essa época, a igreja católica detinha o monopólio da educação privada, por conseguinte empenhou-se em manter sua posição privilegiada na educação nacional e garantir o seu espaço na LDB. Na sociedade brasileira das últimas décadas (principalmente a partir de meados dos anos 60) houve um desenvolvimento significativo da comunicação de massa (televisão e rádio). Esse desenvolvimento foi apoiado pela Igreja e pelos defensores das políticas privatizantes, que posteriormente executariam o golpe militar de 1964.

Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro permaneceram no cerne dessa discussão até os dias atuais, conforme noticiado pelos jornais, repercutidas no senado e em produções acadêmicas utilizadas na construção deste artigo. A continuidade dessa militância na área da educação no final da década de 50, terá como apogeu a criação dos CIEP's, permitindo-nos concluir que toda a representação social da mídia no Brasil, no que concerne à educação e ao sistema público, continua sendo conivente com a ideologia da classe social dominante.

Tanto assim o é que uma das disputas mais dilacerantes que enfrentou em sua vida o gaúcho Leonel de Moura Brizola foi contra o proprietário das Organizações Globo. Esta batalha foi no decorrer da implantação dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), no Rio de Janeiro dos anos de 1980 e de 1990. Leonel Brizola e Darcy Ribeiro (amigo e correspondente de Anísio Teixeira) sofreram “difamações e calúnias” (BRIZOLA, 1994) perpetradas pelos âncoras jornalísticos da Rede Globo no decurso dos seus dois mandatos de governo no Rio de Janeiro. Há aí uma clivagem entre o público (representado pela educação escolar pública, gratuita e leiga) e o privado (agenciado pelos meios de comunicação de massa e a Igreja).

Quando afirmamos o antagonismo entre a comunicação de massa e a educação escolar, queremos deixar claro que Anísio Teixeira não era por princípio contra a utilização dos meios eletrônicos (rádio, cinema) no processo de ensino e aprendizagem. Referindo-se ao rádio e ao cinema, Anísio Teixeira afirmou (TEIXEIRA, 2005, p.207):

A função propriamente emancipadora de que se fez a escola popular, no século XIX, a pioneira, está hoje absorvida pelo rádio e pelo cinema, que prescindem praticamente da capacidade de leitura dos indivíduos. Bem sabemos que a comercialização desses dois meios de comunicação vem determinando que sua ação seja não propriamente “educativa”, no sentido melhor dessa palavra, mas, muitas vezes, prejudicial. Isto, entretanto, não impede que essa ação seja “socialmente emancipadora”, criando a oportunidade de participação do analfabeto no debate geral e público da Nação como a imprensa o fazia, antes, para os que aprendiam a ler na escola.

O que está explícito nessa formulação é a função deseducadora desempenhada pela mídia comercial, a qual se expandiu nas últimas décadas em detrimento da escola pública e gratuita como a “reguladora da civilização brasileira” (TEIXEIRA, 2005, p.161).

Vale lembrar que as escolas hodiernas recebem o seu alunado com uma carga imensa de imagens e informações que circulam nos veículos de comunicação de massa. Ademais, a maioria das crianças e jovens em fase escolar, não possui capacidade de discernir ou fazer qualquer relação com a verdade transmitida nos aparelhos de comunicação. Neste caso, cabe aos professores questionarem como estes alunos vêm concretizando um determinado conhecimento e como esse conhecimento interfere no papel educativo e emancipador da escola e do educador.

A televisão é quem faz a cabeça do povo brasileiro, inclusive dos professores, que não compreendem essa situação e acabam por fazer o mesmo papel, em sala de aula, que fazem os ancoras da mídia. A propriedade privada não foi eliminada da televisão, muito menos do espaço cibernético, sendo toda ela feita e defendida pelos anunciantes que só desejam a venda de suas mercadorias. A mídia é quem traz as ideias alienadas para o país e estas são derivadas do prestígio dos centros que as produzem. Por isso é que o professor do país subdesenvolvido julga inconscientemente que não é capaz de produzir o saber autóctone, crendo que tal é patrimônio das nações ricas. Esse fenômeno (ROCHA, 2002, p. 56) é compreendido como mimetismo e transplantação cultural, pois só lhe cabe a imitação do que já foi feito por estas nações “ditas civilizadas”.

A escola necessária

Anísio Teixeira carregava a ideia de missão (de ação), pois todo o seu pensamento estava permeado dos ideais pragmáticos advindos da escola deweyniana. O pragmatismo é a consubstanciação íntima entre teoria e prática na qual todo o pensamento se transforma no fazer-se da própria existência. Deve ser por isso que o educador, como o filósofo iluminista Voltaire em *Cândido ou o otimismo*, não aceitava a ideia de estar no melhor dos mundos possíveis, ainda que tivesse sido filho de médico e chefe político do município de Caetité.

A escola seria unificadora da nacionalidade e, de forma orgânica e ativa, capaz de transmitir a cultura letrada em sua forma mais ampla. Os educandários eram concebidos como miniaturas da sociedade, capazes de reunirem e organizarem as diferentes experiências dos indivíduos, possuindo capacidades transformadoras no ato de educar. Sem que isso no entanto implicasse na estagnação e na perpetuação da vida social presente.

Para o historiador Marlos Bessa, o processo de modernização que permeou o sistema educacional brasileiro dos anos 20 aos 60 não se passou exclusivamente pelo interior da escola. Mas sim na reciprocidade entre escola e cultura popular, citemos suas palavras (ROCHA, 2014, p. 41): “A integração da escola ao meio social dá-se não como ‘réplica’ no seu interior do que lá se passa, mas como integração ao amplo processo de transformação da cultura popular”. A questão básica do processo de reforma educacional foi perpassada no núcleo da cultura popular, respeitando a regionalidade em seus diferentes aspectos, sem deixar de lado a cultura escrita, pois Anísio Teixeira também criou bibliotecas populares.

No livro *Educação não é privilégio* é clara a mensagem: a educação não deve ser privilégio dos ricos e “numa sociedade como a nossa, tradicionalmente marcada de profundo espírito de classe e de privilégio, somente a escola pública será verdadeiramente democrática (...)” (TEIXEIRA, 1977, p.73). Quando ele enfatiza as três operações básicas do processo educacional – ler, escrever e contar (Teixeira, 1977, p.78) - busca realçar que somos indivíduos da civilização letrada, e o que precisamos são professores imiscuídos no conhecimento, e não nas cartilhas pedagógicas. O povo merecia uma boa escola na qual pudesse aprender a ler e a escrever bem a língua, sem que, no entanto ficasse “circunscrita à alfabetização ou a transmissão mecânica das três técnicas básicas da vida civilizada – ler, escrever e contar” (TEIXEIRA, 1977, p.78).

Anísio queria acabar com a concepção de educação herdada da primeira república, pois neste período houve muitos debates sobre o processo educacional, mas nada de efetivo se concretizava para o povo, ou seja, falava-se muito e fazia-se pouco. Mesmo que o educador não valorizasse o que se tinha feito na “história da educação” (ROCHA, 2014, p. 39) desta época (1ª República), conforme muito bem destacado no artigo do professor Marlos, foi destemida e frutífera sua existência como educador, batalhando por um sistema educacional igualitário. A educação do povo não poderia ficar restrita aos interesses da oligarquia e da Igreja. Ele acreditava que o verdadeiro processo pedagógico se dava na descentralização do poder, sendo que cada estado, cidade e município teriam autonomia na criação do ensino.

Foi nessa diretriz indicada por Anísio Teixeira que Darcy Ribeiro (RIBEIRO, 1985, p.120) iria conceber os Cieps estabelecendo como prioridade a conexão entre a comida e a escola, porque “não existe eficácia pedagógica quando a criança permanece desnutrida”. Darcy Ribeiro (RIBEIRO; 1995b) sublinhou não só a necessidade da educação para ganhar a vida, como o fato de que criança de rua e abandonada é criança sem escola. Citemos o Senador (RIBEIRO, 1995b, p.12): “O que chamamos de menor abandonado e delinquente é tão-somente uma criança desescolarizada, ou que só conta com uma escola de turnos”.

Acrescente-se que a criança abandonada está sujeita ao crime, à prostituição e ao uso de drogas. O antropólogo (RIBEIRO, 1986, p.39) destacou que nos Cieps os professores deveriam se dedicar integralmente ao ato de educar, pois “a arte de educar, só se aprende ensinando”. Isso significa que a educação democrática requer um professor que possa ajudar os alunos “a desenvolverem seu raciocínio para que aprendam a se colocar problemas e se sintam capazes de resolvê-los” (RIBEIRO, 1986, p.39).

Golpe de 64: o malogro da educação

O regime ditatorial de abril, 1964 no Brasil, corresponde o retrocesso das mais variadas instâncias, das políticas de reformas nacionalistas e dos direitos básicos da existência, como o próprio direito à vida. Tudo o que havia sido construído por Anísio Teixeira os militares aniquilaram, escantearam, colocaram à margem, pois representava um perigo para a nação. A Universidade de Brasília (1961), elaborada por ele e Darcy Ribeiro, arquitetada por Oscar Niemayer, construída para fortalecer as pesquisas brasileiras com os melhores professores do mais diversos países, fecharam-na. Exoneraram e exilaram todas as pessoas que estavam participando da construção democrática no país, inclusive o educador teve de voltar para os Estados Unidos.

O sonho educacional e pedagógico do Brasil, entusiasmado por uma transformação em sua base, social, política e econômica foi destruído. Foram caladas as vozes dos ilustres personagens de nossa história, dedicados e comprometidos com o destino educacional do povo brasileiro. Deixaram a maioria da população à míngua no corrosivo sistema de expropriação da força de trabalho e na invasão imperialista norte-americana. Foi frustrante para Anísio ser enxotado da reitoria da UNB pelos militares, que apenas entendiam da ordem cívica e moral como forma de educar o povo. Prenderam os professores e os estudantes, expulsaram-nos do país, quando não os mataram, para que se instaurasse o regime do medo e o da perversidade. Fizeram operações de caça aos comunistas e a todos aqueles que eram contrários ao regime.

Em uma destas ações militares o alvo foi Anísio Teixeira. Ele foi visitar seu amigo Aurélio Buarque de Holanda para pedir-lhe o voto para sua entrada na Academia Brasileira de Letras. Um dia após sua ida a este encontro, misteriosamente seu corpo foi encontrado (1971) caído no fosso do elevador do prédio onde morava Aurélio. A família afirma que ele foi assassinado pelo regime militar e um dos seus assassinos foi o brigadeiro Burnier da Aeronáutica. Seria ultrajante a sua entrada na academia de letras, pois os militares o tinham por subversivo, comunista e implantador da desordem.

É tamanha a indignação que em 2012 se instaurou, na Comissão Nacional da Verdade e na Comissão de Memória e Verdade da UnB, um inquérito para apurar a verdadeira causa de sua morte, contrariando o laudo oficial que afirma ser acidental o seu óbito. Com isso se finda o sonho de Anísio Teixeira aos 71 anos. Covardemente calaram-lhe a boca e cerram as mãos que mais haviam lutado pela igualdade social em nosso Brasil.

Conclusão

Neste artigo abordamos alguns dos aspectos mais importantes para compreensão de Anísio Teixeira e o seu percurso como educador e reformador do sistema educacional público brasileiro. Para o filósofo da educação, a questão de ordem era a educação gratuita para todos e a democracia como forma suprema de governança. Retiramos do seu pensamento uma conclusão: a educação não deve ser privilégio dos ricos e sim a emancipação social e política de todos.

Deveríamos na atualidade seguir essa orientação, que é a da educação libertária. Vivemos no emaranhado e complexo sistema capitalista, e somente na luta pela educação democrática é que conseguiremos fazer um país para todos, daí a necessidade da interação entre a sociedade e a escola.

Espero que Anísio possa ser, não só a inspiração, mas a força motriz que nos moverá na luta árdua pela educação pública, gratuita e leiga no Brasil. Por isso manter vivo Anísio Teixeira na memória do povo brasileiro é o nosso principal objetivo. Seguiremos fielmente os seus ideais para continuar a trabalhosa batalha em busca da sociedade sem classes e sem privilégios.

Referências:

BOMENY, Helena (Org.). Constelação Capanema: intelectuais e políticas. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas ; Bragança Paulista(SP): Ed Universidade de São Francisco, 2001. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6702/1223.pdf?sequence=1>. Visitado: 11/08/2014.

BRIZOLA, Leonel. *O ovo da Serpente 3*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 19 de janeiro de 1992. Disponível em: www.leonelbrizolaneto.com. Visitada em: 18/07/2014.

BRIZOLA, Leonel. *Direito de Resposta no Jornal Nacional de 15/03/1994*. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=ObW0kYAXh-8. Visitado: 02/08/2014.

CPDOC – FGV. *A Era Vargas: dos anos 20 a 1945*. In: *Anos de Incerteza (1930 - 1937) Universidade do Distrito Federal*. Disponível em:

cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/UniversidadeDistritoFederal. visitado: 19/08/2014.

GARCIA, R. A. G. *A Reforma Educacional de Anísio Teixeira e o Papel do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental do Rio de Janeiro (1930-1935)*. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ID6672QIjJMJ:www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada8/txt_compl/Ronaldo%2520Garcia.doc+&cd=6&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Visitado: 09/08/2014.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. *História da educação brasileira*. Cortez. São Paulo-SP, 2003. Disponível em: www.ebah.com.br/content/ABAAAANdAA/educacao. Visitado: 06/07/2014.

NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. Revista Scielo. 2001, nº16. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n16/n16a01>; visitado: 25/07/2014.

OLIVEIRA E SILVA, Arlette Pinto. A presença do educador na ABE. *Educação*. Rio de Janeiro, v.32, n.101, abr./jul. 2000. P.12-17; p. 12.

RAMOS, Jorge Abelardo. *História da nação latino-americana*. Santa Catarina: Insular, 2013.

RIBEIRO, Darcy. *O livro dos CIEPs*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1986.

RIBEIRO, Darcy. *A educação e a política. Carta: falas, reflexões, memórias*, informe de distribuição restrita do senador Darcy Ribeiro, Brasília, v. 5, n. 15, 1995b.

ROCHA, João Augusto L. (organizador). *Anísio em movimento*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

ROCHA, Marlos B. Mendes da. *Educação Conformada, a política de educação no Brasil 1930-1945*. Juiz de Fora: Ed: UFJF, 2000.

ROCHA, M. B. M. *A compreensão anisiana do 'padrão escolar' brasileiro*. Acta Scientiarum. Education. Maringá, v. 36, n. 1, p. 37-50, Jan-June, 2014.

SCHERER, D. Vicente [et.alli.] *Memorial dos Bispos Gaúchos ao Presidente da República sobre a Escola Pública Única*. Petrópolis: Vozes – v. 52 – maio de 1958. Disponível em: www.publicacoes.inep.gov.br. Visitada em: 27/07/2013.

TEIXEIRA, Anísio Spínola. *A educação e a crise brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

TEIXEIRA, Anísio Spínola. *Educação não é privilégio*. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

VÁRIOS AUTORES. *Anísio Teixeira: pensamento e ação*. Ed.: Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1960. Disponível em: http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/livro7/chama_indice.html. Visitado: 02/08/2014.